

**"Do corpo de jurados à condução de oficinas: considerações sobre a produção de vídeo estudantil ao longo de três anos de experiência com o CINEST<sup>1</sup>"**

Camila dos Santos<sup>2</sup>

Este texto é um breve relato pessoal da autora, a partir de sua experiência ao longo de três anos de participação no CINEST, o Festival Internacional de Cinema Estudantil, que acontece anualmente no município de Santa Maria, RS. Evento no qual, além de jurada no ano de 2014, foi oficineira de Roteiro Cinematográfico em 2015 - ano em que o festival foi internacionalizado - e 2016. Ou seja, foram três anos de atividades intensas em torno das realizações de vídeo estudantil vindas não somente de todo o território brasileiro, mas também do Exterior. Com obras desde o Ensino Fundamental, Médio até o Ensino Universitário, distribuídas em categorias competitivas tais como melhor filme, direção, roteiro, direção de fotografia, atuação, figurino e maquiagem, documentário e ficção.

Para começo de conversa, a abordagem do cinema e das possibilidades de realização audiovisual dentro das escolas não é um acontecimento recente. Embora ainda não seja uma realidade completamente disponível e democratizada para todas as escolas do Brasil, existe até o respaldo da Lei Nº 13.006, de 26 de Junho de 2014, que introduz a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas de Ensino Básico do país por, no mínimo, duas horas mensais. Dessa forma, existe uma preocupação não somente em estimular o desenvolvimento de criações audiovisuais, mas também a formação de um público consumidor da cultura cinematográfica e de arte a partir da escola. Através de uma educação que pode ser atravessada, por que não, pelos afetos e pela potência transformadora da arte na vida de seus educandos, educandas e educadores.

---

<sup>1</sup> Festival Internacional de Cinema Estudantil, que acontece anualmente no município de Santa Maria, RS, com cinco edições já realizadas.

<sup>2</sup> Camila dos Santos, pseudônimo Camila Vermelho, é graduada em História - Bacharelado e Licenciatura Plena - pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, onde atualmente é acadêmica de Bacharelado em Artes Cênicas - habilitação em Direção Teatral. Também é formada em Roteiro Cinematográfico pelo Instituto Brasileiro de Audiovisual - Escola de Cinema Darcy Ribeiro (IBAV-ECDR), Rio de Janeiro, RJ. É produtora e apresentadora do programa Baleiro das Artes, na radioarmazem.net, e trabalha na TV Campus UFSM. Contato: mitanoula@yahoo.com.br

Ao fazer uma reflexão sobre os três últimos anos de CINEST, desde 2014, é bastante possível perceber uma sensível transformação tanto nas obras que participaram do festival de lá para cá, quanto da crescente pró-atividade dos alunos, das alunas e de professores participantes dos debates e das oficinas de formação cinematográfica do evento. Ou seja, existe um trabalho que está em ritmo de desenvolvimento, tanto das escolas quanto das pessoas que integram suas comunidades. Quiçá a limitação de recursos em muitos lugares seja recorrente, especialmente nas escolas públicas, alternativas são fomentadas. E o conhecimento do cinema, sua linguagem e seu caráter pedagógico superam essas carências.

Entre 2014 e 2016, por exemplo, a autora pode afirmar o quanto houve uma considerável sofisticação na estrutura dos roteiros dos curtas metragens apresentados. Sofisticação não em termos de rebuscamento, mas sim a partir da ideia mais basal de estabelecer uma narrativa que tenha compromisso com uma diegese, com um universo próprio construído, que obedeça às suas próprias regras e funcione coerentemente com o que se propõe. Apesar de muitos dos filmes, especialmente os do Ensino Fundamental e Médio, abordarem adaptações de clássicos da literatura brasileira. Porém, também existe muito espaço para roteiros originais, boa parte deles ligada ao universo do terror e do horror, temas bastante presentes em filmes realizados por crianças e adolescentes.

Por outro lado, retomando 2014, muitos dos filmes que competiram no CINEST daquele ano apresentaram consideráveis dificuldades para a captação e o tratamento do áudio, problema que ainda persistiu nas edições de 2015 e 2016. Assim como poucos competidores compuseram trilha sonora original. Possivelmente pensando nisso, o festival ofertou, nos dois últimos anos, oficinas de trilha sonora. E, irônica e infelizmente, excluiu a categoria de trilha sonora original das mostras competitivas, talvez pelo fato de haver poucos exemplares disponíveis entre os curtas exibidos. Contudo, analisando o problema, mesmo que de forma breve e superficial, e levando-se em consideração os meios disponíveis para a realização audiovisual em muitas das escolas participantes, não se pode desprezar que, pouco a pouco, o áudio também vai recebendo sua devida atenção necessária para a composição de uma obra cinematográfica. E, entre erros e acertos, a noção da realização de um filme vai se edificando, da dramaturgia, à produção, ao

planejamento dos planos, à iluminação, à atuação e, claro, ao áudio. Porém, ainda existe um caminho a ser trilhado.

E, assim, a história do CINEST tem demonstrado que a linguagem fílmica, a noção da constituição de um filme, com seus planos, seus movimentos de câmera, os princípios de iluminação e a edição e a montagem não são completos desconhecidos dos alunos e alunas. Afinal, trata-se de uma geração que, sobretudo, nasceu e cresceu dentro de um universo audiovisual e, ainda, cibernetico. O diferencial, por sua vez, é dotar a comunidade escolar da capacidade de tomar consciência do audiovisual e seus códigos e, a partir de sua realidade de vida, suas questões, suas necessidades, dominar os códigos da linguagem fílmica a seu favor e construir discursos poéticos de mundo.

Deve-se ater, também, que um diferencial dos jovens de hoje em comparação às gerações anteriores, é a familiaridade com a linguagem de plataformas digitais, como canais do Youtube, entre outros. Ou seja, a juventude brasileira que encontra no cinema dentro da escola um espaço de construção artística e educacional, também interfere na identidade do audiovisual, com seus registros diários a partir de aparelhos de celular, de suas narrativas cotidianas e das redes sociais. E tal fato já pode ser percebido nos filmes que têm integrado as mostras competitivas do CINEST, o que é bastante curioso. Pois existe no festival tanto o espaço para experimentações audiovisuais mais antenadas com as novas tecnologias, seus suportes e suas linguagens, quanto para as realizações mais principiantes, em que o domínio do cinema, seus meios e suas narrativas ainda estão sendo descobertos. Mas o caráter pedagógico no processo de criação não pode ser desprezado e tem suas potências.

Aliás, o CINEST tem problematizado a própria natureza sonora e visual hegemônica do cinema, com debates que envolvem a importância e o direito à audiodescrição e à legendagem nos filmes que chegam às salas comerciais de exibição de filmes. Por isso, a realização do Seminário Educação, Cinema e Acessibilidade, que teve sua segunda edição em 2016, antecedendo e abrindo as atividades do CINEST. Até mesmo alguns dos curtas participantes do festival foram audiodescritos e legendados, uma preocupação sobre a inclusão dentro da escola e do cinema. Juntamente com o seminário acima citado, também foram realizadas oficinas cinematográficas, que passaram a ser ofertadas a partir do CINEST 2015, o

que demonstra tanto a necessidade quanto a procura pela formação audiovisual. Oficinas as quais, a cada dia, vão se diversificando e dialogando entre si. Um dos projetos para 2017, inclusive, é que as oficinas sejam interligadas e gerem um curta metragem dos oficinados e oficinandas dentro do evento.

Em linhas gerais, a própria história do CINEST, ao longo desses anos de existência - tanto nas mudanças de sua estrutura, com sua internacionalização, seu diálogo com a acessibilidade e até mesmo com a Neurociência, além da oferta de oficinas, tudo de forma inteiramente gratuita e aberta para o público - integra toda uma história de luta pela arte e pela educação. Luta não somente pela inclusão do audiovisual dentro do ambiente escolar, mas também pela arte que subverte o mero caráter de entretenimento. E a importância do fazer artístico para a construção de sujeitos críticos, empoderados de vontade própria, com brilho nos olhos e fogo no coração, questionadores e transformadores de sua sociedade. E o CINEST não é mais um dos poucos festivais de cinema estudantil do Rio Grande do Sul. Muitos outros surgiram recentemente e, quem sabe, surgirão mais adiante. O Brasil, apesar da crescente desvalorização das condições de trabalho dos professores e das professoras, tal como da própria existência da escola pública, clama por outras alternativas de escola. Quem sabe uma escola com mais cinema e arte como motes norteadores possa vir a ser uma dessas novas e libertadoras alternativas?